



Uma visão da LITERATURA no Brasil Imperial

Clarissa Machado*

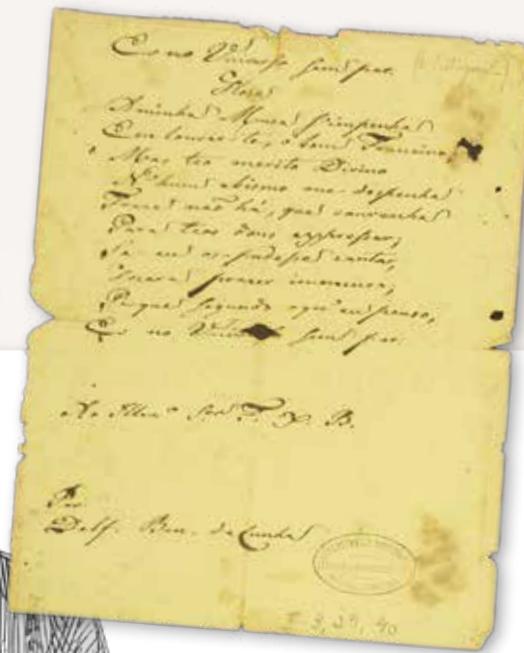
*"Exulta ó Pátria minha já liberta
Da nuvem de terror e de tristeza,
Que o horizonte tanto enlutara;
Astro luzente se esclarece agora,
Nossa vida te dá, qual sol brilhante,
Depois de uma medonha tempestade."* ⁽¹⁾

Os acontecimentos históricos mais importantes do Brasil ocorreram no século 19: a Independência (1822), a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889). Impõe-se observar que no que concerne ao Império, este compreende os anos de 1822 a 1889, e a literatura em tal período corresponde a três movimentos literários: Pré-Romantismo (1808-1836), Romantismo (1836-1881) e Realismo/Naturalismo/Parnasianismo (1881-1893/1902). Oportuno também mencionar que no momento em que o Império do Brasil teve início, a literatura brasileira passava por uma transição ⁽²⁾ expressiva denominada "pré-Romantismo" e que significou uma nova era para o Brasil.

Neste ensaio, abordarei com mais atenção esta fase de transição dada a dificuldade de localizar um conjunto robusto de informações reunidas em uma só obra. Ressalva-se, entretanto, que o presente conteúdo não esgota o tema, pois se trata de tímida pesquisa.

O Pré-Romantismo proporcionou relevante ascensão das autorias feminina e negra, ainda que essas não tenham sido prontamente incluídas no chamado cânone literário. No contexto da autoria feminina ao longo do Pré-Romantismo, é imprescindível apontar Maria Clemência da Silveira Sampaio, Delfina Benigna da Cunha, Beatriz Brandão, Maria Josefa Barreto e Clarinda Siqueira ⁽³⁾, todas cujas obras tinham características remanescentes do Arcadismo, porém se apresentavam mais próximas à primeira geração romântica: ufanista, nacionalista e patriota, tanto em poesia quanto em prosa.

Maria Clemência da Silveira Sampaio ⁽⁴⁾ foi a primeira poetisa poliglota do Brasil (francês, inglês e italiano), pioneira na historiografia sulina, primeira pessoa nascida no Rio Grande do Sul a ter um livro publicado no estado e cujos poemas patrióticos eram publicados em respeitáveis jornais e revistas da época. Sua obra *Versos Heróicos* (publicados pela Imprensa Nacional do Rio de Janeiro em 1823) fez de Maria Clemên-



Delfina Benigna da Cunha e manuscrito contendo a poesia *És no universo sem par*, de sua autoria

Fonte: BN Digital

cia a pioneira da poesia rio-grandense e a segunda mulher brasileira a publicar poesia.

“Maria Clemência representou para o Estado, na época, um verdadeiro fenômeno, pois conseguiu aprender o francês sem nenhum mestre, falando regularmente esse idioma; lê bastante; possui alguma instrução e conversa muito bem. Um dos méritos dessa pioneira residiu no fato de, em 12 de outubro de 1822, data da aclamação do Imperador, ter trazido a público, em um baile realizado na cidade de Rio Grande, alguns versos declamados. A composição continha um total de cento e trinta versos brancos, decassílabos, denominados “Versos Heróicos” pelo motivo da gloriosa aclamação do primeiro Imperador Constitucional do Brasil.” (5)

Delfina Benigna da Cunha⁽⁶⁾, “a ceguiha”⁽⁷⁾, “poetisa cega” ou “musa cega”, é talvez, um dos nomes da Literatura a merecer maior destaque, pois mesmo deficiente visual ela começou a escrever aos 12 anos⁽⁸⁾, e mais tarde se tornou uma das primeiras brasileiras a editar um livro de poesia, sen-

do hoje considerada uma das fundadoras da literatura de seu estado. Em 1835, ela passou a realizar eventos literários para custear suas publicações, uma vez que a pen-

são que recebia do Imperador apenas era suficiente para sua subsistência. Em sua produção literária consta a delicada obra *Coleção de Várias Poesias Dedicadas à Imperatriz Viúva* (1846) e em seus registros consta sua grande preocupação com a política de seu país a ponto de ter tido alguma participação na Revolução Farroupilha⁽⁹⁾, ainda que quando o conflito se intensificou ela tenha sido levada para o Rio de Janeiro onde conheceu a escritora Beatriz Francisca de Assis Brandão⁽¹⁰⁾, que empregava uma estratégia semelhante à de Delfina para publicação de suas obras e que prestou homenagem a Delfina por meio de uma dedicatória em um de seus livros. A relevância de Delfina foi tamanha que ela foi escolhida para patrona da cadeira nº 1 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e da cadeira nº 39 da Academia de Artes Literárias e Culturais do Estado (RS).

“Delfina, em função da sua situação física e social - cega e pobre - usou os versos como única forma de prover a subsistência. Ela empregava também outro expediente para a viabilização de seu trabalho: angariava assinaturas, até mesmo fora do Rio Grande do Sul, para viabilizar a publicação de exemplares. A lista com o nome dos colaboradores vinha inserida ao final da publicação como uma forma de agradecimento.” (11)

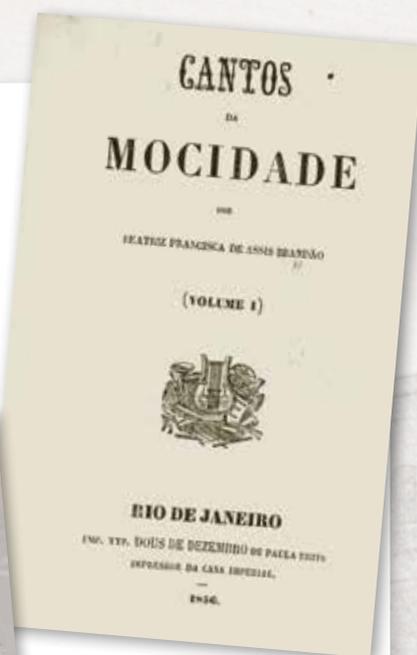
“A obra de Beatriz foi publicada por subscrição, uma espécie de vaquinha, que escritores do período faziam visando que os leitores encomendassem os livros antes que eles fossem impressos. E com este valor aí sim se pagava a impressão.” (12)

Beatriz Brandão era mineira e sua atuação foi uma das mais intensas do Brasil Império no campo literário. Ela dedicou-se à prosa, à poesia e à música, tanto escrevendo poemas religiosos como patrióticos. Era trilíngue (português, italiano e francês), pioneira no ofício de tradução e foi colaboradora de jornais importantes como *Marmota Fluminense* e *O Guanabara*. Beatriz tinha enorme preocupação com a educação feminina e desejava abrir uma escola exclusiva para meninas (13). Um dado curioso é que em 25 de outubro de 1850, o historiador Joaquim Norberto de Sousa Silva propôs que a escritora fosse aceita como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e a comissão encarregada de avaliar tal proposta, composta pelos escritores Joaquim Manoel de Macedo e Gonçalves Dias, negou tal pedido, sob a alegação de que não era possível admitir mulheres na referida instituição (14). Anos depois, a Academia Mineira de Letras deu o nome de Beatriz Brandão (15) a cadeira nº 38. Cabe apontar ainda que no jornal *O Parnaso Brasileiro* (1829-1832, RJ) somente duas escritoras tinham textos publicados: Delfina Benigna da Cunha e Beatriz Francisca de Assis Brandão.

Maria Josefa Barreto Pereira Pinto (16), poetisa e repentista gaúcha, é considerada a primeira jornalista brasileira (17), sendo a fundadora do jornal *Bellona* (1833) e colaboradora de *A Idade d'Ouro* (1833). Nesses tempos, ela já se destacava na defesa dos direitos femininos e também por criar a primeira escola mista de Porto Alegre (1830). Além de Maria Josefa, Maria Clemência e Delfina Benigna (18), temos no Rio Grande do Sul a poetisa Clarinda da Costa Siqueira que, apesar da falta de registros

Cantos da Mocidade, livro de poesias de autoria de Beatriz Brandão, publicado em 1856

Imagem: BN Digital



Parnaso Brasileiro (1829-1830), publicação da época do Império cuja participação feminina era restrita a apenas duas escritoras: Delfina Cunha e Beatriz Brandão

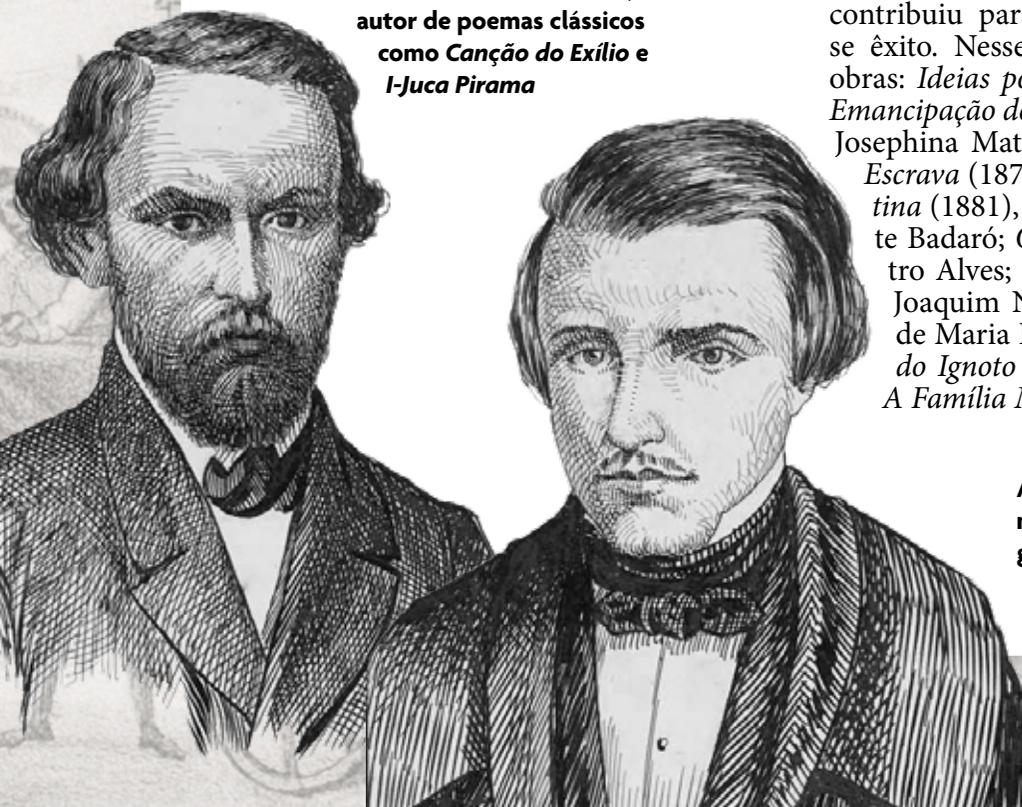
Imagem: BBM Digital

sobre ela (19), sabe-se que publicava em jornais e uma antologia com seus poemas foi editada, postumamente (1881).

É sobretudo valioso assinalar escritores que nessa fase tiveram seus nomes de certa maneira deixados de lado como é o caso de José da Silva Lisboa (Visconde de Cairu), do Cônego Januário da Cunha Barbosa, de Pedro Francisco Xavier de Brito, de Santos Titara, de Sousa Caldas (com sua importante tradução do Livro de Salmos), e de muitos outros que eram colaboradores ativos do jornal *O Patriota*, fundado em 1813, por Manoel Araújo Guimarães, e que contava com as presenças de Silva Alvarenga (poeta árcade) e Américo Elísio (pseudônimo usado por José Bonifácio de Andrada e Silva). Nos três últimos anos dessa fase pré-romântica, sob as instruções de Antônio José Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto Alegre, um grupo de jovens brasileiros iniciou um processo de renovação literária nos moldes da literatura francesa: era o *début* do Romantismo, que inaugurava a literatura da Era Nacional, o

primeiro movimento após a Independência do Brasil, realidade que se refletiu na escrita: os escritores desejavam uma independência em outros níveis e, principalmente, nas Letras. Com o objetivo de distanciar-se da língua portuguesa de Portugal e de seus mitos fundadores, os escritores brasileiros voltam seus olhares para a língua falada no território e seus habitantes originários. Surgia assim a primeira geração romântica chamada de nacionalista, nativista ou indianista, cujas características eram a construção de uma identidade nacional trazendo o indígena ao status de fundador e herói nacional; o regionalismo, a cultura popular, e exaltando a natureza e a pátria. Esta geração teve uma significância peculiar uma vez que a construção da literatura nacional dava-se simultaneamente ao processo de construção da identidade do povo brasileiro, da coesão social e da ideia de nação brasileira. A segunda foi chamada de Byroniana, inspirada na literatura britânica e marcada por melancolia, negativismo, desilusão, ideias de morte, nostalgia e tédio, sendo rebatizada de “a geração do mal do século”. Nesta geração, inclui-se a geração gótica (gótica tropical ou quarta geração romântica), cujas obras proeminentes fo-

Gonçalves Dias, um dos grandes expoentes da tradição literária conhecida como "indianismo", é autor de poemas clássicos como *Canção do Exílio* e *I-Juca Pirama*



ram: Macário (1855, Álvares de Azevedo) e D. Narcisa de Villar⁽²⁰⁾ (1859, Ana Luísa de Azevedo Castro). A terceira geração foi chamada de condoreira (ou social) e teve influência francesa, mais especificamente de Victor Hugo, apesar de se inspirar no condor, ave que habita a Cordilheira dos Andes, por sua privilegiada visão. Esta foi uma geração preocupada com os problemas políticos e sociais do Brasil que demonstrava fortemente oposição à escravidão e à opressão, defendendo a abolição da escravatura⁽²¹⁾. Os textos continham ideias de justiça, igualdade e liberdade. Neste cenário, destacaram-se Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra do Brasil e a primeira autora de romance abolicionista em toda a língua portuguesa; Narcisa Amália, a Poetisa dos Livres; Emília Freitas, a Poetisa dos Escravos e da Abolição, e Mãe da Ficção Científica do Brasil; e Castro Alves, o Poeta dos Escravos.

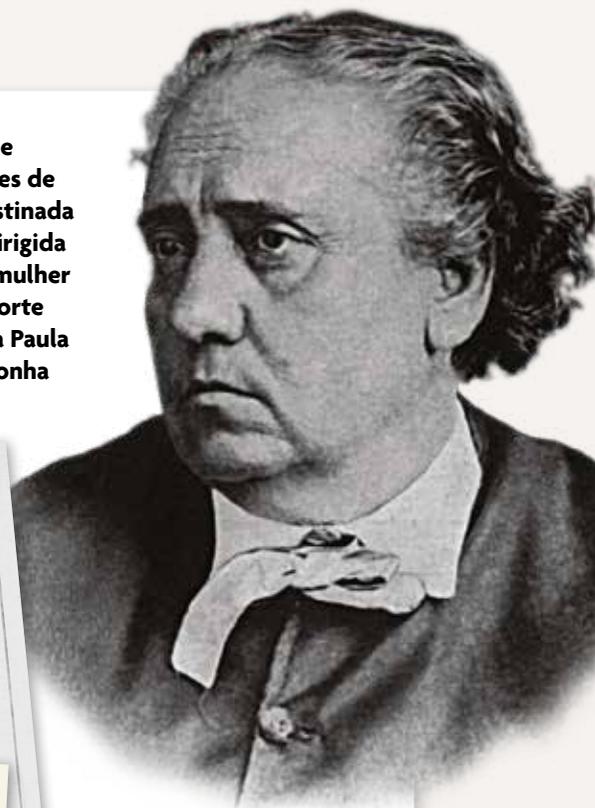
Entre 1878 e 1885 surgiram 227 sociedades abolicionistas, sendo as mais importantes: Sociedade Cearense Libertadora (1880); Sociedade Abolicionista Feminina Cearenses Libertadoras (1882), co-fundada e presidida por Maria Tomásia Figueira de Melo Lima⁽²²⁾ e Confederação Abolicionista (1833) criada por José do Patrocínio⁽²³⁾ e André Rebouças. O movimento abolicionista teve atuação vultosa e, de acordo com pesquisadores, a Literatura em muito contribuiu para que o processo obtivesse êxito. Nesse diapasão, destacam-se as obras: *Ideias por Coordenar a Respeito da Emancipação dos Escravos* (1871), de Maria Josephina Matilde Durocher⁽²⁴⁾; *Perfil de Escrava* (1879), de Narcisa Amália; *Fantina* (1881), de Francisco Coelho Duarte Badaró; *Os Escravos* (1883), de Castro Alves; *O Abolicionismo* (1883), de Joaquim Nabuco; *A Escrava* (1887), de Maria Firmina dos Reis; *A Rainha do Ignoto* (1899), de Emília Freitas e *A Família Medeiros*⁽²⁵⁾ (1892), de Júlia

Álvares de Azevedo foi um notável escritor da geração gótica da literatura

Lopes de Almeida. Interessante verificar a criação de jornais destinados às mulheres como o *Jornal das Senhoras*, dirigido, entre os anos de 1852 a 1854, pela professora e escritora Joana Paula Manso de Noronha, a primeira mulher jornalista na Corte Imperial. Escrevia em jornais artigos dedicados à denúncia da desigualdade social. Este último conjunto de jornais foi denominado de “A Imprensa Negra”⁽²⁶⁾. E foram anos realmente propícios para publicações literárias, dentre a mais proeminente, a *Revista Nitheroy*, responsável pelo manifesto que teria inaugurado o Romantismo como escola literária no Brasil⁽²⁷⁾.

À conta dessas considerações, é de clareza solar a efervescência da literatura brasileira no período imperial que registrou nomes inesquecíveis como os das escritoras: Adelina Lopes Vieira, Amália Figueroa, Ana de Barandas, Julieta de Melo Monteiro, Presciana Duarte de Almeida, Revocata Heloísa de Melo e Rita Barém. E dos escritores Alfredo d'Escragolle Taunay (Visconde de Taunay), Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, José Bonifácio o Moço⁽²⁸⁾, Juvenal Galeno, Quintino Bocaiúva, Sousândrade, Tobias Barreto e, também, Machado de Assis, este cuja escrita foi singular marcando a transição para o Realismo, período em que o Brasil Imperial chegou ao fim. O Realismo se desdobrou em Naturalismo e Parnasianismo, e seus expoentes⁽²⁹⁾ foram além de Machado, Adolfo Caminha, Alba Valdez⁽³⁰⁾, Alberto de Oliveira, Aluísio Azevedo, Carmen Dolores, Coelho Neto, Francisca Júlia, Inglês de Sousa, Olavo Bi-

Abaixo, capa de uma das edições de publicação destinada às mulheres, dirigida pela primeira mulher jornalista na Corte Imperial, Joana Paula Manso de Noronha (à direita)



A Revista Nitheroy, um dos marcos da instauração do Romantismo no País

lac, Raimundo Correia e Vicente de Carvalho.

Por fim, cabe sinalizar que foi durante o período imperial que a literatura brasileira encontrou seu Pai (Machado de Assis) e a Mãe de sua ficção científica (Emília Freitas); e concentrou aquelas que viriam a se tornar grandes obras da literatura brasileira de todos os tempos como *Direito das Mulheres*

e *Injustiça Dos Homens* (1832, Nísia Floresta), *I-Juca Pirama* (1851, Gonçalves Dias),

O Guarani (1857, José de Alencar), *Úrsula* (1859, Maria Firmina dos Reis), *Nebulosas* (1872, Narcisa Amália), *A Escrava Isaura* (1875, Bernardo Guimarães), *Iaiá Garcia* (1878, Machado de Assis), *O Navio Negro* (1880, Castro Alves), *Florina* (1883, Emília Freitas)⁽³¹⁾, *Aurélia* (1883, Délia), *A Judia Rachel* (1886, Francisca Senhorinha da Motta Diniz) e *O Ateneu* (1888, Raul Pompéia). ■

NOTAS

- (1) SAMPAIO, Maria Clemência da Silveira. Elogio. A Voz da Verdade – Folha Política e Comercial, Rio Grande, 24 out. 1845.
- (2) Transição do Arcadismo para o Romantismo: Era Colonial para a Era Nacional da Literatura Brasileira.
- (3) Os nomes de Maria Clemência e Delfina Benigna perduraram nos anos iniciais do Romantismo, aparecendo em algumas listas de autores românticos.
- (4) MOREIRA, Maria Eunice. Uma Voz Ao Sul - Os Versos De Maria Clemência Da Silveira Sampaio. Ed. Mulheres, 2003.
- (5) BITTENCOURT, Honorina (Norah de Figueirôa). “Perfis de musas e de prosadores componentes da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. In: Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros. ORG. Alzira Freitas Tacques. Porto Alegre: Thurmman, 1956. p. 48.
- (6) O Romanceiro De Delfina: Delfina Benigna Da Cunha, A Ceguinha. Stella Leonardos, Ed. Igel. 1994.
- (7) Não confundir com Ângela do Amaral Rangel, também conhecida como “a ceguinha”. Ângela era do Rio de Janeiro, integrante da Academia dos Seletos e escreveu em período anterior a Delfina. (Arcadismo).
- (8) Colcheia escrita aos doze anos de idade. Em: Vozes Femininas da Poesia Brasileira (Domingos Carvalho da Silva. Coleção Ensaio. Conselho Estadual de Cultura. Comissão de Literatura. 1959). Veja também: “Poesias”. Delfina Benigna da Cunha. Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, 2001.
- (9) RETAMOZO, Aldira Correa e outros. O Papel Da Mulher Na Revolução Farroupilha. Editora Tchê.RS.1985.
- (10) PEREIRA, Cláudia Gomes. Beatriz Brandão: mulher e escritora no Brasil do século XIX. São Paulo: Scortecci, 2005.
- (11) LEONARDOS, Stella. Romanceiro de Delfina: Delfina Benigna da Cunha, a ceguinha. Porto Alegre: IEL/IGEL, 1994.
- (12) PEREIRA, Cláudia Gomes. Contestado Fruto - A Poesia Esquecida de Beatriz Brandão. Lisboa. CLEPUL. 2011.
- (13) O jornal O Universal, em 08 de janeiro de 1829, anuncia a intenção da poetisa de abrir um colégio para meninas (externato e internato), onde ensinaria a ler, escrever, contar, falar e escrever as línguas italiana e francesa, além de música, tocar piano, dança, desenho, bordado de bastidor, confecção de flores, doces e massas.
- (14) SILVA, Joaquim Norberto de Souza. D. Beatriz de Assis, mais algumas páginas para as brasileiras célebres. In: Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro. Tomo LV, parte II, 1892. p. 59-79.
- (15) Revista da Academia Mineira de Letras - versão eletrônica - número especial - no. 98. 2019.
- (16) JUNG, Roberto Rossi. A gaúcha Maria Josefa, primeira jornalista brasileira. Martins Livreiro, Porto Alegre, 2004.
- (17) JUNG, Roberto Rossi. A gaúcha Maria Josefa (1775-1837), primeira jornalista brasileira. Martins Livreiro, Porto Alegre, 2004. Há referências à Violante Ataliba Ximenes de Bivar e Velasco (1817-1875) e Narcisca Amália (1852-1924), a primeira a se profissionalizar em jornalismo. Maria Josefa é anterior a ambas.
- (18) O trio é denominado de “Mulheres de Faca Na Bota”.

- MUZART, Zahidé Lupinacci. “Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX”. Revista Estudos Feministas. Vol. 11, n. 1. Florianópolis, 2013.
- (19) Há uma necrologia escrita por Antônio Joaquim Caetano da Silva Junior e uma homenagem à autora, escrita por Carlos von Koseritz.
- (20) Considerado o primeiro romance gótico feminino de Santa Catarina. A obra também é incluída nas listas de romance indianista.
- (21) ALONSO, A. Flores, votos e balas: movimento abolicionista brasileiro (1868 – 1888). São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Veja também: CHALHOUB, S. Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- (22) REZZUTTI, Paulo. Mulheres do Brasil, volume da série A história não contada. Editora Leya. 2018.
- (23) Foi graças à atuação da Sociedade Cearense Libertadora que a campanha abolicionista ficou conhecida em todo o Brasil Império. Havia contatos dos abolicionistas cearenses com abolicionistas de outras províncias, especialmente da Corte. Em 1882, José do Patrocínio foi para o Ceará onde passou alguns meses participando dos eventos abolicionistas. Após seu retorno, ele manteve correspondências com os abolicionistas do Ceará. Em: ALONSO, Angela. Flores, Votos e Balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Edição Kindle.
- (24) Maria Josephina Matilde Durocher (Madame Durocher): foi a primeira mulher a publicar livro na área de Medicina e a primeira a ser recebida como titular na Academia Imperial de Medicina (1891).
- (25) Somente publicado após a abolição.
- (26) Pinto, Ana Flávia Magalhães. A imprensa negra do século XIX. Selo Negro Edições. 2010.
- (27) Conforme a historiadora Ana Beatriz Demarchi Barel, professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG).
- (28) Sobrinho de José Bonifácio de Andrada e Silva.
- (29) A dramaturgia foi forte no Realismo e seus principais representantes foram: Júlia Lopes de Almeida, Maria Angélica Ribeiro, José de Alencar, Quintino Bocaiúva e Joaquim Manuel de Macedo.
- (30) Alba Valdez foi a professora e escritora que veio a se tornar fundadora e presidente da Liga Feminista Cearense (1904), a primeira agremiação literária de mulheres do estado do Ceará.
- (31) Sobre as FOTOGRAFIAS de Maria Firmina dos Reis e Emília Freitas, há controvérsias sobre sua legitimidade. No caso de Maria Firmina, pesquisadores afirmam que a foto oficial trata-se de uma espécie de “retrato falado”, e no caso de Emília, em virtude de homônima ter tido a imagem publicada em revista da mesma época, houve uma confusão. Não há fotos de Emília Freitas, apesar de sua participação na agremiação literária Padaria Espiritual (publicando em O Pão) e de sua atuação junto ao movimento Kardecista brasileiro, o fato é que não constam registros fotográficos (ou não foram localizados até o momento presente).

* Professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em tradução e literatura brasileira